

O problema da periodização

Cristiane de Almeida Pacheco

Introdução

O presente trabalho tem por objetivo discutir as diferentes formas de periodização da história da língua portuguesa propostas por diversos estudiosos da evolução da língua.

Os autores a serem comentados neste trabalho serão: Antonio das Neves Pereira, Francisco Adolfo Coelho, Manuel Pacheco da Silva Júnior, José Leite de Vasconcelos, Carolina Michaëlis de Vasconcelos, Augusto Epifânio da Silva Dias, Manuel Said Ali Ida, Paul Teyssier; todos com base na tese de concurso UFF/1985 do professor Evanildo Bechara.

Nessa tese, o eminente autor propõe uma nova distribuição cronológica das fases históricas. Uma periodização que contemple desde o galego-português até o português falado em nossos dias é a que melhor atende às necessidades de estudo diacrônico da língua portuguesa.

Por que uma nova distribuição das fases históricas da língua portuguesa?

A língua é viva e muda a todo tempo acompanhando uma série de acontecimentos históricos. Por isso nada mais justo do que propor uma periodização que privilegie não só os fatos gramaticais como

também os fatos históricos que influenciaram direta ou indiretamente a evolução da língua portuguesa.

O período arcaico é muito flexível, daí a dificuldade em se definir um limite de periodização. Paul Teyssier (1959:35-36) questiona se é possível determinar os períodos da língua portuguesa do século XVI até hoje. Em sua concepção o período arcaico duraria até o surgimento de Camões e o período moderno inicia-se em Camões. Outra maneira de se periodizar é de acordo com a divisão tradicional da história, nas escolas literárias, ou simplesmente nos séculos.

Sabendo-se que o galego-português era, não só uma língua literária, mas também uma língua viva que fazia parte da vida dos habitantes da Galiza e do norte de Portugal e refletia a identidade cultural e espiritual. (BECHARA, 1985, p. 7). Fica, então, claro que o galego-português deverá fazer, incontestavelmente, parte dessa nova tentativa de periodização proposta pelo Prof. Bechara. O galego-português foi eleito entre o século XIII e meados do XIV como a língua exclusiva da poesia lírica e praticado não só por portugueses e galegos, mas também por castelhanos e leoneses.

Num estudo profundo balizado nos fenômenos lingüísticos principalmente os morfológicos e sintáticos o Prof. Bechara produziu a tese na qual inspira-se este trabalho. É de muita utilidade dizer que não serão levados em conta os fatos lingüísticos do período trovadoresco, entre 1350 e 1450. Isto porque nessa época eles serviam somente como simples veículo literário da poesia lírica.

As várias propostas de periodização

As primeiras tentativas

Os gramáticos e filólogos do passado sabiam muito bem que a língua portuguesa não estava estagnada. Cada um falava a sua maneira, de acordo com a posição social, o grau de instrução, a idade, o ambiente de trabalho e até mesmo as condições climáticas faziam com que a pronúncia e a quantidade de variante mudasse de região para região.

Duarte Nunes de Leão declara na sua *Orthographia*:

Veemos na lingua Portuguesa, per quam differente maneira se s-creve agora do que se escrevia & pronunciava, no tempo antigo ate o elRei dom João o primeiro, que parece outra differente linguaem. (pág. 191)

Antônio das Neves Pereira

Um dos primeiros a completar uma periodização das fases históricas da língua portuguesa. E assim dividiu em três épocas a língua portuguesa e seus autores:

1ª época; da fundação do Reino até o tempo d'El-Rei d. Afonso V (1432–1481), do século XII até a 2ª metade do século XV.

2ª época: do tempo d'El-Rei D. João II (1455–1495) até D. Sebastião (1554-1578).

3ª época: do reinado de D. Sebastião até os tempos de Neves Pereira.

Neves Pereira preocupava mais com o discurso, a evolução do estilo propriamente dita do que com a evolução da língua.

Francisco Adolfo Coelho

Tendo Portugal percebido os estudos lingüísticos de seus vizinhos Alemanha, Inglaterra e França. Levantou-se um estudioso que começou a disseminar suas idéias nos grandes centros culturais portugueses, era Francisco Adolfo Coelho numa preocupação mais lingüística do que filológica. Assim o mestre divide as fases históricas da língua portuguesa:

- 1) Período de sincretismo: (as formas populares que convivem com as formas eruditas) – este período estende-se até o fim do século XVI.
- 2) Período de disciplina gramatical: (período em os gramáticos e lexicólogos tentam uniformizar a língua)

O próprio Adolfo Coelho propõe uma segunda divisão, para ele a primeira divisão da língua não foi boa porque não se assentava sobre os fatos orgânicos da língua:

- 1) primeiro período: A língua dos Cancioneiros que representava uma unidade maior que a língua falada. (primeiros documentos até o começo do século XV)
- 2) segundo período: entre esse período e o anterior há uma fase de transição,ou seja das antigas formas até o surgimento das modernas.

Essa divisão não ficou muito bem feita, pois faltou uma marcação melhor no tempo.

Manuel Pacheco da Silva Júnior

Dividiu a história do português em três períodos:

- 1) Período antigo: séculos XIII e XIV- para ele a fase trovadoresca foi escrita em galego.
- 2) Período médio: todo século XV- crônicas de Fernão Lopes, Gomes Eanes Azurrara e Rui de Pina.
- 3) Período moderno: tem seu início no século XVI (o português moderno fixa muitas de suas formas).

José Leite de Vasconcelos

Ele propôs uma periodização que muito contribuiu para estudos posteriores e que muito foi aceita pelos estudiosos:

- 1) período arcaico ou antigo, do século IX aos meados do século XVI.
- 2) Período moderno, do século XVI ao século XX.

Carolina Michaëlis de Vasconcelos

Esta utilizou da periodização anterior, no entanto fez críticas quanto a elasticidade do balizamento. A autora fez excelentes observações, dentre as quais destaco a seguinte:

O período arcaico prolonga-se até 1500 ou mesmo ainda mais além dessa data.

A língua não fica de modo algum inalterada. Bastantes dos fenômenos que a distinguem desapareceram depois de 1350, outros perderam ainda um século; vários subsistem até ao século XVI.

Augusto Epifânio da Silva Dias

Em sua obra “Sintaxe Histórica”, Epifânio divide a história do português em três fases: arcaica, arcaica média e moderna. Ele nunca explicitou o que entendia por essas fases. Nesse trecho a seguir sobre a forma arcaica “poer”, ele declara:

O período arcaico da língua portuguesa vai até cerca dos fins da primeira metade do século XVI (1889, pág. 48)

Manuel Said Ali Ida

- 1) português antigo: dos primeiros documentos escritos até os primeiros anos do século XVI.
- 2) português moderno: daí até o século XX, subdividido em português quinhentista, seiscentista e setecentista.

Português hodierno: do século XIX ou do XVIII ao século XX.

As subdivisões de M. Said Ali muito se aproximam das de Carolina Michaëlis de Vasconcelos, quando esta afirmava que dividia o português arcaico em duas fases: o período trovadoresco até 1350 e o da prosa histórica nacional.

Paul Teyssier

Segundo a lição do mestre francês – em parte ainda nas pegadas de D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos –, a história da língua portuguesa está dividida em dois grandes momentos: o primeiro, em que o português não se distingue do galego, falado na provín-

cia (hoje espanhola da Galiza), e que se estende até o século XIV (de 1200 a aproximadamente 1350), e o segundo momento, o que chama português europeu, que vai do século XIV aos nossos dias. (BECHARA, 1985, p. 45)

- 1) período galego-português : XIII – 1350 (aproximadamente)
- 2) período português europeu: arcaico XIV – XVI (Camões) moderno: XVI (Camões) até aos nossos dias.
- 3) A nova tentativa de proposta de divisão das fases históricas da língua portuguesa proposta pelo Prof. Bechara.

A verdade é que quanto mais nos afastamos cronologicamente do fato, mais temos materiais para melhor analisá-lo. Desta forma é que considero como uma ótima opção para um estudo da periodização a proposta do Prof. Bechara. Não desprezando as demais que em muito, acredito eu, contribuíram para que o mestre chegasse a tal conclusão. Vejo que de todas as propostas ele retirou o melhor considerando os fatos morfológicos e sintáticos sobre os fonéticos, fonológicos e lexicais.

Lembro também que nenhuma periodização é acabada, pois que a língua muda e não estabelece limites nem temporais nem geográficos para esta evolução.

A seguir comentarei ligeiramente cada uma das fases:

1ª fase arcaica – séc. XIII ao final do XIV – nesta fase, a principal preocupação é diferenciar o galego do português já que eles aparecem muitas das vezes num mesmo texto. Outra diferenciação é

que a proposta de Bechara é de estender essa relativa unidade lingüística até o final do séc. XIV, e não ficar restrito a 1350.

Alguns fatos tipicamente portugueses que Bechara destacou:

- a) o pronome tudo;
- b) a tendência de mudar o átono em u, quer em posição de sílaba inicial (curacõ), final e em palavras enclíticas (nus, vus, de pus);
- c) as grafias lh e nh; mh, bh e vh, onde o h vale por i.

Alguns fatos tipicamente galegos:

- a) a forma reinna (de regina), em oposição ao resultado rainna, típica do português;
- b) o pronome che, em face do português te;
- c) A alternância b/v.

É a freqüência dos fatos que vai decidir a procedência galega ou portuguesa dessa unidade entendida por galego-português.

2ª fase arcaica média – vai da 1ª metade do século XV à 1ª metade do século XVI.

É uma fase considerada de transição, pois ainda restam alguns fenômenos da fase anterior. Bechara (1985, p. 55) diz que o fenômeno balizador por excelência entre esta fase e a anterior é a queda do –d– na desinência de 2ª pessoa plural, exceto, naturalmente, nos contextos fonéticos em que ainda hoje persiste.

3ª fase moderna – vai da 2ª metade do século XVI ao final do século XVII.

Alguns fatos balizadores desta época:

- a) a fixação do plural dos nomes em “-ão” (mãos, cães, leões) e do feminino dos adjetivos em “-a” (são/sã);
- b) a progressiva criação de novas formas de tratamento com verbo na 3ª pessoa do singular;
- c) A presença obrigatória do pronome demonstrativo antecedente do pronome relativo em construção do tipo eu sou o que, tu és o que, nós somos os que, etc. (construção que persiste até fins do séc. XVIII).

4ª fase contemporânea – vai do século XVIII aos nossos dias.

Tem o séc. XVI muita importância para o estudo da língua. Nele ocorreram muitas mudanças. Justamente foi a época dos descobrimentos, por isso foi a expansão do idioma ibero. Vale a pena comentar o não acompanhamento por parte o português do Brasil em relação ao português. Toda essa informação diz respeito à fase moderna.

Agora na fase contemporânea que compreende o século XVIII até hoje é de extrema relevância ao historiador do idioma. Eis alguns dos fenômenos lingüísticos citados por Bechara em sua tese:

- a) a fixação da oposição lhe singular/lhes plural, quando não combinados com os pronomes o, a, os, as;
- b) o apagamento do agente da passiva na construção com o pronome se;
- c) a progressiva eliminação do pronome vós;

d) a contaminação dos empregos das preposições per e por na forma única por.

Conclusão

Este trabalho foi uma leitura da tese do Prof. Bechara, em que pude destacar alguns fatos que mais contribuíram para a nova proposta de periodização por ele feita. Eis em síntese a sua proposta, as fases:

- 1) arcaica: vai do século XIII ao final do XIV;
 - 2) arcaica média: vai do século XV à 1ª metade do século XVI;
 - 3) moderna: vai da 2ª metade do século XVI ao final do século XVII;
- contemporânea: vai do século XVIII ao XX

Concluo este trabalho destacando que os autores se complementam no sentido de que um sempre avança mais nas pesquisas que o outro já iniciara. Assim o círculo de estudos vai seguindo uns dando continuidade às idéias de outros. Espero que este trabalho sirva de estímulo, para mim e para os colegas, ao estudo e pesquisa sobre a história da língua portuguesa.

Referências Bibliográficas

BECHARA, Evanildo. Tese de concurso para Professor Titular de Língua Portuguesa da Universidade Federal Fluminense, 1985.

TEYSSIER, Paul. Cadernos de Estudos Diacrônicos. História da língua portuguesa. Trad. de Celso Cunha. José Pereira da Silva (organizador).